

ASSOCIAÇÕES SINTÁTICO-DISCURSIVAS DA ORDEM VS NO DISCURSO ACADÊMICO EM INGLÊS COMO L2

Roberto de FREITAS Junior

RESUMO: *O artigo discute a relação entre estrutura argumental e estrutura informacional do verbo inacusativo que no contexto de aquisição de inglês como L2 (EL2) apresenta diferentes características relacionadas ao uso dessa construção tanto no português do Brasil, quanto no inglês. Os dados mostram que o uso da ordem verbo-sujeito (VS) com essas construções, no contexto aquisitivo de EL2, aponta características sintáticas da língua alvo e discursivo-pragmáticas da língua materna que combinadas contribuem para a formação da interlíngua.*

PALAVRAS-CHAVE: *Aquisição de L2, Estrutura Argumental, Estrutura Informacional*

ABSTRACT: *The article focus on the existing relation between argument structure and information structure of unaccusative verbs which in the context of the acquisition of English as a second language (EL2) reveals different characteristics related to the use of these constructions both in Brazilian Portuguese and in English. Data show that the use of VS word order with these constructions in EL2 shows syntactic features of the target language, mixed with discursive-pragmatic features of the mother tongue that contribute to the formation of interlanguage.*

KEY WORDS: *SLA, Argument structure, Information Structure*

1. Introdução

A universalidade das estratégias funcionais e discursivas é observável, no sentido de que dependem de questões contextuais e de intenções comunicativas do falante. Em outras palavras, ao menos em nível cognitivo, tratamos aqui de algo comum às línguas humanas. A relação de ajuste comunicativo subentendida no artigo de Chafe (1976) aponta para a constante adaptação que o discurso de locutores e interlocutores reflete. A mensagem “só é realmente assimilada pelo ouvinte se o falante ajustar o que diz ao que ele assume que o ouvinte está pensando naquele momento” (*apud*, Pezatti, 2004:181).

Também é inegável o fato de que os procedimentos de organização funcional da cláusula estão submetidos a restrições e possibilidades sintáticas específicas de cada língua. Cabe, então, reconhecer que as estruturas que participam da organização do discurso serão sempre mapeadas pelos traços sintáticos próprios de cada sistema.

Este artigo discute, assim, a questão da estrutura argumental inacusativa no português do Brasil (PB) e no inglês, a fim de propor a ampliação dos estudos de Freitas (2006), cujo foco de pesquisa foi o uso agramatical de cláusulas de ordem verbo-sujeito (VS) no discurso escrito em inglês como L2 (EL2) de diferentes níveis de fluência.

No estudo de 2006, o autor mostra que o uso agramatical de estruturas VS nos textos narrativos desses indivíduos seria uma instância de transferência de estratégia discursiva do PB, que consiste em fazer com que elementos não referenciais sejam veiculados como informação nova/disponível no discurso via quebra do fluxo informacional, tal como em (1):

(1) *I had dinner and go out with my mom (...) but, suddenly, **appeared the most beautiful and perfect boy in the world.** Wow! What a boy! (sic)¹*

Dados retirados de *corpus* de textos acadêmicos², construído para o desenvolvimento da pesquisa de Freitas (inédito), no entanto, sugerem que o tratamento do uso da ordem VS em EL2 por falantes do PB não parece evidenciar apenas a influência de aspectos discursivo-pragmáticos da L1 que emergem na sintaxe da L2, mas também a influência de aspectos formais específicos da estrutura argumental do verbo inacusativo em inglês. Nossa hipótese é a de que tais dados refletem, então, a atuação de duas gramáticas na composição da Interlíngua (Selinker, 1972), entendida aqui como um sistema adaptativo apenas parcialmente independente da atuação da língua materna e da língua alvo.

Se associarmos, então, a estrutura argumental inacusativa ao estudo do fenômeno da inversão do sujeito em EL2, verificamos, em congruência com os achados de Freitas (2006), não apenas a tendência de veiculação de informação não tópica no discurso, mas também a existência de outros fenômenos, de ordem discursiva e gramatical, relacionados a essa

¹ Cf. Freitas (2006: 101)

² *Corpus* ainda em fase final de construção. Os dados foram retirados de trabalhos acadêmicos de alunos de Letras do curso de Português-Inglês da UFRJ, especificamente para a disciplina *English Phonology*, em que eles fazem uma descrição fonológica de seu discurso oral em inglês.

estrutura, tais como o uso agramatical de estruturas passivas com inversão do sujeito sintático não oracional, como em (2):

(2) *In the essay was not found any example of any consonant becoming more syllabic (sic),*

e o possível preenchimento, à esquerda do verbo, de um pronome vazio de sentido lexical, *it*, na posição de sujeito, tal como acontece em (3):

(3) *Maybe, it could have happened a coincidence when the process was well applied (sic)*³.

Assim, no que tange aos interesses sobre o percurso aquisitivo de uma L2, deve-se contemplar de que forma o falante manifesta, em seu discurso, estratégias de organização da informação tendo em vista objetivos e intenções inconscientes e particulares. Sabemos que a manipulação da estrutura informacional compõe parte de uma competência não apenas sintática, mas, antes, avançada de comunicação na língua materna e que pode favorecer a negociação de significados também em textos de L2. Por outro lado, não se pode garantir que a questão da informatividade não seja comprometida no discurso em L2 devido a diferenças possivelmente existentes entre a sintaxe das duas línguas em questão.

Neste trabalho, trazemos à tona tal discussão e apresentamos alguns resultados preliminares de Freitas (inédito), que evidenciam, portanto, a atuação de fatores sintático-discursivos na composição da Interlíngua.

2. A estrutura argumental: o nível semântico-sintático

Negrão *et alli* (2005:100) citam a sistematicidade de relações entre léxico e sintaxe “observada em vários conjuntos de fatos lingüísticos”. Seria o léxico, por exemplo, o nível em que são estabelecidas as exigências de seleção semântica e, conseqüentemente, de número de argumentos selecionados por determinado predicador verbal. As autoras citam a atribuição

³ Ao menos em termos de ordenação, para tornar as orações em (2) e (3) gramaticais, elas deveriam ser: *In the essay a text and an appendix that are the transcriptions and the chart will be present* e *If the morpheme comes after a simbilant consonant, a dissimilation by insertion of the vowel [ə] will occur between the word-final sibilant sound and the –s morpheme* (guardamos na tradução as instâncias de uso não padrão, não relacionadas à ordenação, produzidas pelos alunos)

comum a certos itens lexicais de serem capazes de “determinar o número de participantes da situação que expressam, as características que esses participantes devem ter e o papel que cada um deles desempenha na situação”. Tratamos, aqui, da noção de estrutura argumental, que, por sua vez, espelha relações sintáticas provindas dessas exigências semânticas.

Assim, a idéia que subjaz a noção de estrutura argumental é a de que nas relações mantidas pelos predicadores verbais e seus argumentos existem, de fato, relações de dependência semântica, sendo os papéis temáticos definidos pelas exigências de seleção do item verbal. Segundo a perspectiva formal de estudos da linguagem, se a fixação dos argumentos internos e externos dos verbos acontece no nível semântico, a interpretação sintática desses elementos acontecerá via atribuição de caso nominativo, o sujeito, ao argumento externo de verbos transitivos e intransitivos e de caso acusativo e/ou dativo aos argumentos internos de verbos transitivos, respectivamente, os objetos diretos e indiretos.

Quanto ao papel temático do argumento externo, assumimos aqui, segundo Mioto *et alli* (2004), que a relação de dependência semântica que o define, particularmente na predicação bivalente, é estabelecida pelo complexo definido pelo núcleo verbal e seu complemento, o argumento interno, e que, em geral, ele possuirá características de maior agentividade. Por outro lado, o papel temático do argumento interno será definido apenas na relação semântica mantida diretamente com o verbo, refletindo características de maior passividade dentro da construção.

A estrutura argumental e de atribuição de caso evidenciada na relação semântica estabelecida entre certos predicadores, tais como ‘*to happen*’ e seu único argumento, como vemos em (4), porém, aponta para um fenômeno diferenciado nessa visão, a inacusatividade:

(4) *However, in the word ‘stereotyped’ which should happens a dissimilation by insertion of [ɪd] after a alveolar stop, X didn’t pronounced correctly (sic).*

A cláusula em (4) produzida por usuário de EL2, nos remete a uma generalização referente a alguns verbos intransitivos que diz respeito à existência de certo tipo de predicação monoargumental, a qual não prevê a seleção semântica de argumento externo [+Agt], mas apenas a de um argumento interno cujo papel temático será [+ Tema / Paciente] e que, apesar disso, é interpretado como sujeito da cláusula e não como objeto. Tal fato caracteriza uma diferenciação dentro do universo de construções monoargumentais: há verbos que selecionam argumentos externos e outros que selecionam argumentos internos, sendo aos argumentos, sejam eles externos ou internos, sempre atribuído o caso nominativo.

Outro ponto importante relacionado à estrutura argumental e saliente para o entendimento do que ocorre no uso da ordem VS tanto em PB como em EL2 consiste na observação acerca das possibilidades de organização da estrutura informacional. Os papéis temáticos dos constituintes selecionados pelo verbo estão, em geral, intrinsecamente relacionados aos seus estatutos informacionais no nível do discurso. Em (4), por exemplo, verificamos que a cláusula agramatical produzida pelo usuário de EL2 evidencia uma possível associação entre o papel temático do argumento interno do verbo '*to happen*' e a possibilidade de que tal SN seja veiculado como informação nova no nível discursivo. Embora o SN seja interpretado como sujeito da cláusula, ele detém papel temático [+ Tema], ou seja, se comporta como o elemento que, em alguma medida, é afetado pela ação expressa pelo verbo. Em outras palavras, o fato de o SN da cláusula VS em questão não deter papel temático agente [+ Agt], típico de sujeitos, favorece a possibilidade de introdução deste como informação nova/disponível no discurso e, portanto, com características de elemento [+ Foco] / [-Tópico].

Vale lembrar, ainda, que o uso de uma cláusula agramatical em inglês, tal como (4), obviamente não poderia ser explicado por algum tipo de evidência do *input* da L2 e, portanto, corrobora a hipótese de atuação de estratégias discursivas relativas à gramática da L1.

3. A construção inacusativa

Como vimos, a observação cuidadosa acerca do papel temático do item sujeito das construções monoargumentais nos faz identificar a existência de elementos sujeitos ora detentores de papel temático ora [+Agt], como em (5a), ora [+ Tema/Paciente], como em (5b):

(5a) Margarida telefonou

(5b) Apareceu a Margarida

Em suma, enquanto verbos como ‘telefonar’ são predicadores que, em termos semânticos, selecionam apenas um elemento [+ Agt] como sujeito - o qual preenche a posição de argumento externo do sintagma verbal, tal como acontece com verbos transitivos -, outros, os verbos inacusativos, selecionam um elemento gerado na posição de argumento interno, com características semânticas de complemento, assim como também acontece com o argumento interno do verbo transitivo. Diferentemente, o SN desses verbos não recebe Caso Acusativo, mas é interpretado graças à atribuição de Caso Nominativo. Ou seja, embora em termos estruturais exista um paralelismo entre verbos transitivos e inacusativos, já que ambos selecionam um elemento que se comporta como complemento do verbo, em termos de atribuição de Caso, tal paralelismo se extingue se pensarmos na agramaticalidade de cláusulas tal como acontece em (6b), em que a leitura do SN não é possível via uso de clítico – forma pronominal acusativa prototípica do PB, ainda encontrada em registro escrito e na fala monitorada de indivíduos escolarizados:

(6a) Chegou a carta

(6b) *Chegou-a

(6c) A carta chegou

Neste trabalho, entendemos que a possibilidade de que o SN argumento interno de verbos inacusativos permaneça na posição de argumento interno, ou a de que seja movido para a posição à esquerda do verbo, esteja intrinsecamente relacionada à questão do empacotamento discursivo, ou seja, da estrutura informacional.

A literatura lingüística funcionalista (c.f.; Naro e Votre (1999), Pezatti (1994)) tradicionalmente relaciona a ordenação SV no PB à possibilidade de veiculação da estrutura tópico-comentário mais estrita. Ora, parece evidente que, em línguas de ordem SV mais rígidas, a distribuição de informação nova / dada estaria condicionada de forma menos transparente a tal estrutura, de modo que a ativação dos conceitos dados e novos do discurso será apenas facilitada na medida em que atuarem outras forças discursivas presentes no contexto de uso.

Por outro lado, postulamos aqui que a opção pela ordenação VS pode evidenciar, por parte do falante, uma tentativa de quebra do fluxo informacional contínuo que favorece a ancoragem de informações novas para certo elemento dado no texto. Em outras palavras, postulamos que o uso da ordem VS inacusativa possa evidenciar uma tendência de introdução de elementos [+ Foco] no discurso, sejam eles novos ou disponíveis, nos termos de Prince (1981).

Temos em (7) uma evidente mudança de direção do fluxo informacional, em que um sujeito, *we*, que é tópico e pronominal, perde o estatuto de elemento sob o qual são depositadas novas informações no discurso, na medida em que se muda o foco para um elemento novo, sujeito do verbo inacusativo:

(7) *“Sometimes, it occurs the assimilation of the morpheme for what follows it, such as in “realized that””(sic)*

A cláusula (7), produzida por falante de EL2, embora agramatical na L2, reflete a perspectiva funcional evidenciada nas cláusulas de ordem VS do PB de introdução de

elementos novos, ou recuperados, no discurso. Em termos das razões pelas quais tal cláusula emerge no discurso aquisitivo em EL2, elas também são facilmente explicáveis a partir dos achados de Freitas (2006) que associam o uso de VS em EL2 à transferência de estratégia discursiva do PB.

3.1 A Voz passiva: Inacusatividade Estrutural

Ao observarmos o comportamento das construções passivas de modo mais criterioso, verificamos uma instância de inacusatividade que não se define a partir do item lexical, mas a partir da própria estrutura passiva. Na estrutura passiva, o argumento interno, complemento do verbo transitivo, não é interpretado pelo Caso Acusativo, mas é interpretado como sujeito da cláusula. Assim, essa construção possui um elemento TEMA/PACIENTE na posição de sujeito.

Tomando as cláusulas em (8a – 8c), temos que o argumento externo da oração ativa (8a), ‘O Rio’, cujo papel temático é [+ Agt], não se realiza como argumento na construção passiva (8b).

Conseqüentemente, um segundo ponto importante observado na cláusula (8b), consiste no fato de o elemento cujo papel temático é [+ Paciente] ser interpretado como sujeito desta cláusula. Em termos mais formais, note-se ainda, em (8c), uma cláusula VS, a possibilidade, em línguas de sujeito nulos, da ocorrência deste sujeito na posição *in situ*, onde, ainda assim, será interpretado como sujeito da cláusula.

(8a) O Rio engoliu Niterói

(8b) Niterói foi engolida

(8c) Foi engolida Niterói

Sabe-se, todavia, que a manutenção do SN sujeito na posição de argumento interno do verbo, como em (8c), é restringida em línguas de sujeitos obrigatórios, como o inglês, que favorece amplamente o uso da ordem SV, enquanto as línguas de sujeito nulo podem licenciar

maior variação de ordenação SV/VS, possivelmente devido a pressões discursivas, tal como acontece em PB.

Convém lembrar ainda que, quando o argumento externo [+Agt] da construção ativa surge no contexto de passividade, ele é interpretado na posição de adjunção e não em posição argumental, como em (9):

(9) Niterói foi engolida [pelo Rio]

Em termos da função que tal estrutura sintática parece exercer no discurso, a estrutura VS passiva, por estar estruturalmente alinhada à estrutura de cláusulas VS lexicais, em que o único argumento da construção possui papel temático [+Tema/Paciente], pode ser inserida no mesmo princípio funcional que associa a emergência da ordem VS no discurso a uma estratégia discursiva de quebra do fluxo informacional, visando a introdução de elementos novos no discurso.

Com efeito, o estudo de Furtado da Cunha (2000) sobre a estrutura passiva no PB aborda a questão da passiva VS. Segundo a autora, tal construção seria “uma oração neutra, sem tópico, que caracteriza um acontecimento como um todo não analisável em tópico-comentário” (p.113). Vemos que a associação da ordem VS a motivações discursivas relacionadas à estrutura informacional é inevitável, tanto via inacusatividade lexical, quanto estrutural, via voz passiva.

O uso de construções passivas VS no discurso em EL2 também evidencia o uso indevido, mesmo agramatical, da estrutura passiva no inglês. Diferentemente do PB, no inglês, as construções passivas (*it*) VS são impessoais e selecionam apenas orações encaixadas por complemento⁴. Entretanto, tal fato também é explicável a partir do mesmo princípio refletido

⁴ Consoante a agramaticalidade de construções passivas do tipo **It was produced a sound* e a aceitabilidade de cláusulas tais como as de Quirk & Greenbaum (1990:417): *It is said that she wanted to go into politics / It was considered impossible for anyone to escape.*

no uso da ordem VS lexical: uma nova tomada de rumo informacional, com introdução de informação nova, ou reativação de informação já veiculada anteriormente, que são possibilitadas, dentre outros motivos, pela grade temática inacusativa, com vemos em (10a):

(10a) *“In each part of the paper it was explained the students “errors”, mainly by the speakers’ mother tongue influence, how it could be produced closer to the American General English and the speakers difficulties” (sic)*

Dessa forma, o uso da construção passiva VS em EL2 parece evidenciar extrapolação da transferência de uma possibilidade da sintaxe da L1 não existente na L2. O que parece estar em questão aqui, novamente, é a formação de uma gramática intermediária entre a L1 e a L2, com características próprias e independentes, tal como apresentado no conceito de Interlíngua. Atuam, assim, na construção (10a), a transferência de uma estrutura sintática do PB, a transferência de uma estratégia discursiva relacionada à questão da estrutura informacional e a atuação de fatores formais da língua alvo, o inglês, que, em contextos de inacusatividade em que o argumento interno permanece na posição gerada, exigem a realização fonológica de um pronome não referencial à esquerda do verbo para dar conta das exigências de ocorrência de um elemento sujeito gramatical.

Em relação à voz verbal mais comum relacionada ao fenômeno VS em EL2, percebemos, após manipulação de 102 dados de ordem VS do *corpus*, certa preferência do uso da ordem VS em construções passivas, conforme explicita a Tabela 1:

Voz	N	%
Passiva	54	53
Ativa	48	47
Totais	102	100

Tabela 1 – Frequência de tipo de cláusula

Embora a diferença não seja significativa, o uso da ordem VS se apresentou, na amostra, em 53% dos dados analisados.

4. Ordem VS e inacusatividade: uma particularidade do PB

Com base nos achados de pesquisas anteriores⁵, Spano (2002) correlaciona o enrijecimento da ordem SV em PB (Duarte, 1995) ao fenômeno do preenchimento do sujeito nas construções inacusativas. De início, a autora tinha por hipótese a possibilidade de que a posição à esquerda do verbo dessas construções pudesse ser preenchida, tornando-a uma construção SV ou XVS. Seu objetivo, dentre outros, era, assim, verificar o possível aumento de preenchimento da posição à esquerda do verbo em período diacrônico de vinte anos.

A autora percebe que verbos inacusativos apresentam-se como o segundo contexto menos afetado pelo processo de perda da ordem VS⁶. Segundo ela, a produtividade da construção VS com tais verbos se mantém estável no PB, não apresentando percentuais significativos de mudança.

Os resultados da pesquisa também ratificam o trabalho de Berlinck (1995) por mostrarem que a ocorrência da ordem VS não está associada apenas ao estatuto sintático-semântico do verbo. A autora verifica que SNs pospostos marcados com os traços [-DEF], [novo] e [+EXT]⁷ são mais frequentes na amostra da sincronia atual.

Esta informação nos remete a estudos funcionalistas (Cf. Naro e Votre (1999) e Freitas (2006)) acerca da ordem VS que associam o fenômeno a estratégias discursivas de organização da estrutura informacional e que mostram que, conforme afirma Spano (2002), no que concerne a ordem VS com verbos inacusativos, o fenômeno, sincronicamente falando,

⁵ Naro e Votre (1999), Berlinck (1995).

⁶ Liderados apenas por contextos de verbos existenciais em que são configurados 90% de orações VS.

⁷ [EXT] - Extenso (ou pesado), [DEF] - Definido

pode ser explicado pela “predominância de fatores semântico-discursivos sobre fatores estritamente sintáticos” (p94).

Quanto aos resultados referentes à definitude, estatuto informacional do SN e sua extensão no *corpus* sincrônico do português, Spano (2002) apresenta os seguintes números:

	Apl./T.	%	P.R.
[Novo]	31/47	66	.84
[Disponível]	37/63	59	.68
[Dado]	36/316	11	.40
[-definido]	46/73	63	.83
[+definido]	58/353	16	.42
[+pesado]	25/37	68	.76
[-pesado]	79/389	20	.47
Total	104/426		

Tabela 2 – Resultados referentes às características do SN da ordem VS em Spano 2002

Como podemos observar, os resultados referentes ao estatuto informacional do SN da ordem VS mostram sua tendência de se constituir informação nova no discurso. De fato, este é o principal fator difundido nos estudos funcionalistas acerca da ordem VS em PB: o uso do sujeito anteposto ou posposto ao verbo se define por motivação discursiva de introdução de elementos novos ou disponíveis no discurso. Quanto maior for o grau de dadidade do SN, maior a chance deste ocorrer na posição SV. Os resultados, em Spano (2002), referentes ao estatuto informacional do SN sujeito da VS apresentam pesos relativos de .84 e .68, respectivamente, ao caráter [novo] e [disponível], comprovando tal tendência.

Associado ao fato de serem estruturas com verbos inacusativos, os resultados referentes à definitude do SN pós-verbal mostram tendência em favor do fator [-DEF]. Segundo o estudo, tais sujeitos se apresentam mais sensíveis ao fator indefinitude, configurando peso relativo de .83, em relação a .42 para [+DEF], o que marca diferença de .40 entre os dois fatores.

Essa indefinidade está intrinsecamente relacionada ao grau de novidade que o sintagma apresenta. Sujeitos que veiculam informação nova tendem a ser [-DEF], justamente por não serem compartilhados pelos interlocutores do discurso. Tanto que, quando retomados - passando, portanto, ao status de sujeito dado – tendem a configurarem-se com artigo definido como determinante do núcleo do SN, por exemplo.

Por fim, a autora identifica o caráter [+EXT] do SN pós-verbal, que na amostra configurou .76 de peso relativo vs .47 para [-EXT]. Confirmando uma tendência já apresentada em estudos anteriores sobre a ordem VS (Cf. Naro e Votre (1999)), os números da pesquisa revelam a tendência de que sujeitos extensos, pesados, ocorram após o verbo. No viés funcionalista, esta tendência é explicada pela necessidade de recuperação de saliência informacional do elemento sujeito VS, já que ele não possui caráter de tópico discursivo. A existência de estruturas extensas na posição à direita se alinha com a noção de ‘comentário’, em que, *grosso modo*, tem-se no elemento à direita, a informação nova e conseqüentemente a carga informacional mais importante⁸. Isso se dá por uma questão discursiva: por ser esse sujeito desconhecido do interlocutor, há a necessidade de o codificarmos com maior material fônico. Não à toa, quando o retomamos no discurso, o substituímos por um pronome dêitico ou um sintagma nominal [-EXT] por ele já ser de conhecimento do ouvite/leitor.

O conjunto de informações apresentados sobre o comportamento do elemento sujeito no PB contribui para o entendimento do fenômeno observado em Freitas (inédito), que diz respeito ao uso de construções, supostamente agramaticais em inglês como L2, com sujeitos invertidos de verbos inacusativos e estruturas passivas. Por hipótese geral, baseada em Freitas (2006), o uso dessa construção reflete a transferência para o EL2 da estratégia discursiva

⁸ Considere-se aqui a própria universalidade proposta nas dicotomias tema/rema, tópico/comentário, dado/novo, de que a informação nova tenda a ocorrer sempre à direita, enquanto a informação dada apenas à esquerda.

relacionada à estrutura VS em PB: a de introdução de elementos novos/disponíveis no discurso, como pode ser verificado em (11a – 11b):

(11a) “but in <until> and <formal> **occurs a vocalization of the lateral alveolar appearing [w] in the coda position**”

(11b) “By analyzing the referred data, **it could be observed some aspects of the pronunciation of English by Brazilians**”

Temos em (11a – 11b) exemplos da forte associação entre a organização discursiva e inacusatividade no PB, refletida no discurso de EL2.

Se estudos anteriores se atêm ao fenômeno da inacusatividade de natureza lexical para explicar o uso do sujeito invertido em PB, o uso de estruturas passivas como veículo de introdução de informação nova no discurso mostra que tal estratégia ainda é bastante importante para entendermos a construção no discurso em PB, já que ela extrapola o nível da inacusatividade lexical. Tanto o SN ‘*a vocalization of the lateral alveolar*’, quanto o SN ‘*some aspects of the pronunciation of English by Brazilians*’, comportam-se, dentro do conjunto discursivo geral, como informações novas emergentes nesse contexto. A estrutura passiva em (11b) nos mostra ainda que a estratégia de uso da ordem VS pelo falante de EL2, apesar da pressão das regras e exigências sintáticas da língua inglesa, constitui-se em uma importante influência da pragmática e de noções discursivas, e não apenas sintáticas, atuantes no curso de aquisição desse sistema.

Como visto, um dos principais atributos do SN sujeito das construções VS em PB é o fato de ele tender a ser [- definido]. Os SNs das cláusulas (11a – 11b) mostram claramente tal tendência, que por sua vez está associada ao baixo grau de topicalidade desse argumento, aqui marcado pela presença do artigo indefinido ‘*a*’ e pelo quantificador indefinido ‘*some*’. Tal característica do SN, como se vê, também se verifica no discurso acadêmico em EL2.

A tendência de que o sujeito posposto seja mais extenso do que o sujeito anteposto é um dos atributos mais importantes do fenômeno da inversão do sujeito no PB. De fato, estudos

sugerem que o baixo grau de topicalidade do SN e conseqüentemente de baixa, ou mesmo nula, possibilidade de recuperação de sua interpretação no discurso faz com que o interlocutor atribua mais ‘peso’ a este SN para que se torne proeminente no discurso (c.f.: Naro e Votre, 1999). Por não ser o tópico discursivo em questão, este argumento tende a carregar um maior número de palavras, o que facilita sua percepção como parte importante no discurso. Mais uma vez, a respeito do uso de VS com verbos inacusativos em EL2, esta tendência se verifica, se pensarmos no número de palavras que constituem os SN, respectivamente 6 e 9, nas cláusulas (11a) e (11b).

5. O comportamento de verbos inacusativos em Inglês: ordens SV / XVS

Segundo algumas teorias lingüísticas (cf.: Burzio, 1986), no que diz respeito ao tratamento da inacusatividade, línguas de sujeito obrigatório, tais como o inglês e o francês, apresentam forte tendência de que seus argumentos internos se configurem como sujeitos na posição à esquerda do verbo, guardando a imposição sintática de uma língua sujeito-verbo (SV) rígida.

No entanto, há de se reconhecer, nessas línguas, a possibilidade de ocorrência de um elemento não referencial, quando o sujeito, argumento interno do verbo inacusativo, permanece na posição *in situ*. Temos, então, uma evidência importante relacionada ao fenômeno da inacusatividade, posto que o preenchimento de tal posição não está diretamente relacionado a imposições semânticas da estrutura argumental desse tipo de predicador. As possibilidades de realização das ordens SV/XVS⁹ são exemplificadas nos exemplos, retirados do inglês e do francês, em (12a – 12b):

(12a) Three girls arrived / There arrived three girls

(12b) Trois filles sont arrivées / Ce sont arrivées les trois filles

⁹ Em que X representa a realização, à esquerda, de elemento não semanticamente selecionado pelo verbo.

Em línguas de sujeito nulo, como o italiano e o espanhol, por outro lado, a ocorrência do elemento sujeito à direita do verbo parece não requerer, *a priori*, o surgimento de elemento não referencial à esquerda do verbo, como vemos nas orações SV/VS em (12c – 12d):

(12c) Tre ragazze sono arrivate / Sono arrivate tre ragazze

(12d) Los invitados llegaron / Llegaron los invitados

Assim, a construção XVS do inglês evidencia a possibilidade de quebra do padrão SV dessa língua - tanto em cláusulas passivas, quanto ativas - e pode ser resumida aqui com o uso de sujeitos antecipatórios¹⁰, como em (13a – 13d):

(13a) There [appeared the man]

(13b) It is said [that women live long]

(13c) It seems [that Mary arrived late]

(13d) There is [a man] here

Adotando a perspectiva funcionalista da linguagem, entendemos aqui, no entanto, que a possibilidade de movimento do elemento sujeito para a posição à esquerda do verbo, ou de sua manutenção à direita, poderia estar vinculada a fortes indícios discursivos relacionados à quebra ou manutenção da estrutura tópico-comentário, entendida aqui como relação mais restrita entre informação dada e nova. Entretanto, não atribuímos a essa possibilidade a motivação do uso de estruturas VS, agramaticais ou não, em EL2, devido, dentre outros fatores, à baixa frequência de uso de muitas dessas estruturas no *input* e da própria falta de comprovação empírica acerca da questão informacional por elas veiculada.

Por outro lado, um fenômeno importante percebido nos dados do *corpus* aqui tratado parece estar relacionado à necessidade de preenchimento de um elemento não lexical à esquerda de estruturas inacusativas lexicais e passivas do inglês.

Os dados sugerem que o falante brasileiro de EL2 faz uso de um preenchimento à esquerda da estrutura VS, originando, assim, a estrutura XVS – sendo o X a representação

¹⁰ Definição encontrada em diversas gramáticas de língua inglesa

desse elemento inserido e não justificado pelo *input*, sequer dependente de questões funcional-discursivas referentes ao uso de VS em PB como L1. Assim, cláusulas tais como (13a – 13b), longe de evidenciarem apenas questões referentes ao modo como o falante embala o discurso em L2 (c.f. Freitas, 2006), também evidenciam influência da gramática do inglês, por realizarem fonologicamente um sujeito não referencial à esquerda da estrutura inacusativa, já que esta prevê, seguindo as restrições sintáticas de realização da ordem XVS/SV em inglês, a realização do mesmo, como em:

(14a) “*Maybe, it could have happened a coincidence when the process was well applied.*”(sic)

(14b) “*It is used a low vowel instead of a middle one as they have many common features: front lax unrounded vowels.*”(sic)

Temos em (14a – 14b), respectivamente, uma cláusula ativa com verbo inacusativo e uma estrutura passiva VS, na qual consta a presença de um pronome não-referencial *it*, atendendo as exigências sintáticas da língua alvo.

Convém notar que o elemento selecionado para preencher tal posição, o pronome *it*, na língua inglesa, é mais freqüente nesta função e, portanto, parece que, ao usá-lo como preenchedor da posição XVS, o usuário de EL2 apresenta generalização de seu uso, visto que em inglês o pronome que se configura diante de verbos inacusativos, como ‘*to happen*’, é o pronome não-referencial ‘*there*’.

Ademais, no que tange ao estatuto informacional dos SN’s de (14a – 14b) vê-se sua funcionalidade como informação nova no contexto discursivo. Novamente, temos nesse contexto a atuação de diferentes forças gramaticais e discursivas que parecem contribuir para a formação de uma terceira gramática.

Uma breve análise quantitativa dos dados da amostra apresenta como se comportam, em relação à ordem *it VS*, os dados agramaticais com verbos inacusativos em EL2 e que

corroboram para nossa hipótese a favor da Interlíngua, um sistema que apresenta características das gramáticas da L1 e a da L2, como vemos na Tabela 3:

Tipo de construção	Total	%
Passiva preenchida	46	45,1
Ativa preenchida	26	25,5
Ativa não-preenchida	22	21,6
Passiva não-preenchida	08	7,8

Tabela 3 – Tipo de cláusula/Preenchimento do Sujeito

Observarmos que, em termos do preenchimento por um pronome não referencial à esquerda do verbo, ao menos nesse nível de fluência, há forte preferência de preenchimento desta posição, em particular nas cláusulas passivas, em que se configuraram 45,1% de preenchimento em relação ao total de dados, seguidas das construções ativas que representaram 25,5% do total. Juntas, em relação ao total geral de preenchimento/não preenchimento à esquerda do verbo, as construções ativas e passivas apresentaram 70,6% em favor do preenchimento.

Um olhar mais cuidadoso sobre os índices de preenchimento nesses dois tipos de construções revela que, do total das orações passivas, apenas 14,8%, ou seja, 8 cláusulas, não ocorreram antepostas pelo pronome *it*. Por outro lado, 45,8% das orações ativas não ocorreram em ambiente de preenchimento à esquerda, o que configura forte preferência dessa posição em construções passivas. Vale salientar, porém, que, embora tal diferença seja significativa, em relação ao total de dados analisados, o preenchimento à esquerda do verbo inacusativo é sempre favorecido, como visto. A tendência de preenchimento da passiva VS é apresentada na Tabela 4:

Voz	Preenchimento	N / %
------------	----------------------	--------------

Passiva (54)	it	46 / 85,2
	Ø	08 / 14,8
Ativa (48)	it	26 / 54,2
	Ø	22 / 45,8

Tabela 4 – Preenchimento à esquerda do verbo / Voz

6. Considerações sobre o fenômeno e o conceito de Interlíngua

A observação de um caráter variável e ao mesmo tempo sistemático de algumas formas não relacionadas à L1 ou à L2 trouxe a necessidade de não analisarmos as “produções do aprendiz como uma seqüência de formas enganadas incoerentes”, mas como formas pertencentes a uma “sistemática subjacente, revelada tanto pelos erros do locutor quanto pelos seus não-erros, enfim, pelo conjunto de seu discurso (cf. Vasseur, 2006:88)”. Sendo assim, o interesse por este sistema intermediário se revela expoente na definição de Selinker (1972) de *Interlíngua*.

Segundo Moita Lopes (1996:114), para Selinker, a Interlíngua é na verdade uma “estrutura psicológica latente no cérebro que é acionada no processo de aprendizagem da L2. Esse processo levará ao desenvolvimento do sistema lingüístico derivado da tentativa do aluno em produzir a LAL¹¹.” Por conseqüência, a melhor forma de pesquisar este sistema lingüístico seria pela abordagem direta do discurso escrito e oral do aluno, incluindo-se, neste caso, seus erros, pois somente através de dados reais de produção poder-se-ia acessar a real competência lingüística do aprendiz, além de todos os fatores que estariam envolvidos no processo de aquisição (cf. Brown, 1994: 204). Ellis (1997:33) resume, assim, o conceito de interlíngua como um “sistema lingüístico particular”, o que significa que é específico para cada indivíduo. O autor aponta premissas sobre aquisição de L2 e IL, algumas listadas aqui (cf. Ellis, 1997: 33,34):

¹¹ Língua Alvo

- a) A gramática do aprendiz é permeável, ou seja, ela é passível de influências externas (o próprio *input*) e de influências internas que dizem respeito a omissões, processos de generalizações e de erros de transferência.
- b) A gramática do aprendiz é transitória. O aprendiz muda sua gramática de tempos em tempos, acrescentando regras, desprezando outras e reestruturando todo o sistema [...] o que significa que o aluno constrói uma série de gramáticas mentais ou interlínguas quando gradualmente aumenta a complexidade de seu conhecimento da L2.
- c) O aprendiz emprega várias estratégias de aprendizagem para desenvolver sua interlíngua. Os diferentes tipos de erros que cometem refletem diferentes estratégias de aprendizado. [...]

As questões apresentadas neste artigo a respeito do uso da estrutura XVS em contexto de aquisição de EL2 evidenciam as regularidades apresentadas pelos autores acima identificados. Elas refletem tal caráter regular e próprio das estruturas que emergem no contexto aquisitivo em L2 e que compõe o conjunto de regras ao que no âmbito da lingüística aplicada (LA) conceituamos como interlíngua.

7. Considerações Finais

O trabalho buscou, desta forma, definir a contribuição da abordagem semântico-sintática para o entendimento do fenômeno discursivo-gramatical relacionado ao uso agramatical de sujeitos pospostos no EL2. Se por um lado, a observação acerca das relações argumentais das predicções inacusativas atende, em nível estrutural, à necessidade de explicação de propriedades formais presentes na arquitetura sintática do fenômeno, por outro, as características lingüísticas do SN sujeito dessas construções, além do próprio contexto de uso da ordem VS, também refletem a forte atuação de pressões discursivas presentes na estruturação da gramática em EL2.

Os dados remetem aos pressupostos que definem o conceito de Interlíngua por indicarem a existência de uma gramática produzida pela junção/mistura de diferentes características da L1 e da língua alvo, gerando uma ‘terceira gramática’ que caracteriza essa etapa de aprendizagem.

8. Referências Bibliográficas

- Berlinck, R. *La position du sujet en portugais: etude diachronique des variétés brésilienne et européenne*. Tese de doutorado. Paris. 1995.
- Brown, D. *Principles of language learning and teaching*. New Jersey: Prentice Hall. 1994
- Burzio, L. *Italian Syntax. A Government Binding Approach*. Dordrecht, Reidel. 1986.
- Chafe, W. L. 1976. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. In C. N. Li (ed.). *Subject and Topic*, 25-55. New York: Academic Press.
- Cunha, Ma A. F., A complexidade da passiva e as implicações pedagógicas do seu uso In: *Linguagem & Ensino*, Vol. 3, No. 1, 2000 (107-116). 2000
- Duarte, M. E. L. *A perda do princípio ‘Evite pronome’ no português brasileiro*. Tese de doutorado. Unicamp. São Paulo. 1995.
- Ellis, R. *Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press. 1997.
- Freitas, R. *Reflexos pragmático-discursivos da L1 na aquisição de inglês como L2: um estudo sobre o uso da cláusula VS*. Dissertação de Mestrado. UFRJ. 2006.
- Mioto, C.; Silva, M. C e Lopes, R. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis, SC: Insular. 2004.
- Moita Lopes, L.P. 1996. *Oficina de Linguística Aplicada*. São Paulo: Mercado das Letras.
- Naro, A., Votre, S. *Discourse Motivations for linguistic regularities; Verb/subject order in spoken Brazilian Portuguese*. *Probus* 11: 73-98. 1999.
- Negrão, H; Scher, A; Viotti, E. Sintaxe: explorando a estrutura da cláusula. In: *Introdução à Linguística II. Princípios de análise*. Contexto. São Paulo. 2005.
- Pezatti, E. *Uma abordagem funcionalista da ordem de palavras no português falado*. Alfa, São Paulo. 1994.
- _____. O funcionalismo em lingüística. In: *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. v.3. São Paulo: Cortez. 2004.
- Prince, E. 1981. Towards a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed.) *Radical Pragmatics*. New York, Academic Press. *Antrop.*13: 97-113, Berkeley. 1981.
- Quirk R. & Greenbaum S. *A Student's Grammar of the English Language*. Longman. 1990.
- Selinker, L. *Interlanguage*. *International Review of Applied Linguistics*, v10: 209-231. 1972.
- Spano, M. A ordem V SN em construções monoargumentais, na fala culta do Português Brasileiro e Europeu. Dissertação de Mestrado. UFRJ. Rio de Janeiro. 2002
- Vasseur, M. T. Aquisição da L2: compreender como se aprende para compreender o desenvolvimento da competência em interagir em L2. In: *Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolingüística*. São Paulo: Contexto. 2006.